

**INSTITUTO DE TEOLOGIA E FILOSOFIA DE GOIÁS**

**TEOLOGIA**

**FRANCISCO ARIELSON SANTOS OLIVEIRA**

**EUCARISTIA, O SACRAMENTO DA UNIDADE: A IMPORTÂNCIA DA  
*ECCLESIA DE EUCHARISTIA* NO ENTENDIMENTO DA EUCARISTIA NA  
ATUALIDADE**

**GOIÂNIA  
2022**

**FRANCISO ARIELSON SANTOS OLIVEIRA**

**EUCARISTIA, O SACRAMENTO DA UNIDADE: A IMPORTÂNCIA DA *ECCLESIA DE EUCHARISTIA* NO ENTENDIMENTO DA EUCARISTIA NA ATUALIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Teologia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás como requisito para a obtenção do título de bacharelado em Teologia

Prof. Orientador: Prof. Dr. Edson Matias Dias

**GOIÂNIA  
2022**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

## RESUMO

A Igreja sempre teve cuidadosa atenção para com a Eucaristia, pois ela, sendo memória viva da presença do Senhor, ocupou sempre, o centro na vida das comunidades e no coração dos cristãos. Desta forma, a questão da eucaristia é algo pertinente ao âmbito da vida eclesial. É evidente que ao longo da história a questão da Eucaristia sempre foi algo que esteve imerso nas mais variadas discussões. A preocupação em torno deste sacramento, principalmente com o advento da modernidade gerou diversas inquietações, principalmente em tempos dinâmicos, como o atual, em que há um desejo de aproximação do mistério celebrado, mas de forma individualizada e muitas vezes desligada da realidade. Diante de todas as questões que cercaram e ainda cercam a reflexão sobre a Eucaristia, este trabalho tem como objetivo geral refletir a dinâmica comunitária da Eucaristia ao longo da história com especial ênfase na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. O método utilizado para o desenvolvimento deste trabalho foi o de revisão bibliográfica. De antemão, os documentos revisados apontam para a centralidade da dimensão comunitária da Eucaristia.

**Palavras-chave:** Igreja. Eucaristia. *Ecclesia de Eucharistia*.

## **ABSTRACT**

The Church has always had careful attention to the Eucharist. For she, being a living memory of the presence of the Lord, has always occupied the center in the life of communities and in the hearts of Christians. In this way, the question of the Eucharist is something pertinent to the scope of ecclesial life. It is evident that throughout history the issue of the Eucharist has always been something that has been immersed in the most varied discussions. The concern around this sacrament, especially with the advent of modernity, has generated several concerns, especially in dynamic times, such as the current one, in which there is a desire to approach the celebrated mystery, but in an individualized way and often disconnected from reality. Faced with all the issues that have surrounded and still surround reflection on the Eucharist, this work has the general objective of reflecting on the community dynamics of the Eucharist throughout history, with special emphasis on the encyclical *Ecclesia de Eucharistia*. The method used for the development of this work was the bibliographic review. Beforehand, the documents reviewed point to the centrality of the communitarian dimension of the Eucharist.

**Keywords:** Church. Eucharist. *Ecclesia de Eucharistia*.

## ABREVIATURAS

EE	= <i>Ecclesia de Eucharistia</i>
SC	= <i>Sacrosanctum Concilium</i>
LG	= <i>Lumen gentium</i>
SC	= <i>Sacramentum Caritatis</i>
EG	= <i>Evangelii Gaudium</i>
AL	= <i>Amoris Laetitia</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1 A EUCARISTIA E A SUAS COMPREENSÕES AO LONGO DA HISTÓRIA</b> .....	<b>9</b>
1.1 APROXIMAÇÃO CONCEITUAL .....	9
1.2 EUCARISTIA E NOVO TESTAMENTO .....	11
1.3 A ASSEMBLEIA CRISTÃ ATÉ O IV SÉCULO .....	12
1.4 A ASSEMBLEIA CRISTÃ DA IDADE MÉDIA AO CONCÍLIO VATICANO II .....	15
<b>2 ASPECTO COMUNITÁRIO DA EUCARISTIA NA <i>ECCLESIA DE EUCHARISTIA</i></b> .....	<b>18</b>
2.1 CONTEXTO E AUTORIA DA ENCICLICA .....	18
2.2 EUCARISTIA E COMUNHÃO ECLESIAL .....	20
2.3 A ENCICLICA EM DIÁLOGO COM A TEOLOGIA SACRAMENTAL .....	21
<b>3 EUCARISTIA E A IGREJA COMUNHÃO INVISÍVEL E COMUNHÃO VISÍVEL ...</b>	<b>29</b>
3.1 A PASTORAL NO HOJE DA HISTÓRIA .....	29
3.2 PASTORAL E COVID-19 .....	31
3.3 A EUCARISTIA NO PAPADO DE BENTO XVI .....	35
3.4 EUCARISTIA E VIDA NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>

## INTRODUÇÃO

É fato que a Eucaristia possui centralidade na fé cristã. Neste sentido, este tema ocupou grandes debates ao longo da história da Eucaristia, ganhando novas reflexões e significados de acordo com o contexto histórico. Entre os temas ao qual gira em torno da Eucaristia, a dimensão comunitária é uma das mais emblemáticas, haja vista que este tema entra em conflito com outras temáticas, como por exemplo a visão sacrificial da Eucaristia. Diante disso, fica explícito e evidente que a Eucaristia, em sua profundidade para a fé cristã, possui um paradoxo implícito na própria dinâmica em que é celebrada. Entre todas as dimensões possíveis de serem estudadas, este trabalho optou por aprofundar a dimensão comunitária da Eucaristia, que por sua própria dinâmica, insere o indivíduo num âmbito comunitário, revelando-se como uma das dimensões centrais à qual gira, ou deveria girar toda espiritualidade eucarística.

De antemão, deve-se esclarecer que o estudo da visão comunitária da Eucaristia não tem como objetivo diminuir ou negar outras abordagens diferentes e mesmo válidas. No entanto, não se deve deixar de lado algumas análises críticas a algumas formas de espiritualidades eucarísticas que se afastam da dimensão evangélica à qual comungaram as primeiras comunidades cristãs até por volta do século V e depois retomada pelo Concílio Vaticano II. O que justifica a abordagem do sentido comunitário da eucaristia nesta pesquisa é a necessidade, cada vez mais urgente, de despertar a consciência dos crentes, para a fundamental ligação entre eucaristia e Igreja.

Com efeito, resgatar a dimensão comunitária da Eucaristia se torna a cada dia, uma preocupação pastoral real, diante de tantas espiritualidades individualistas e excludentes, como é possível perceber em algumas práticas devocionais e afirmações religiosas que pretendem abarcar o imenso mistério eucarístico através de práticas isoladas de viver a fé nesse mistério. Nesse sentido, se faz imensamente relevante compreender a dinâmica da Eucaristia numa perspectiva comunitária/eclesial. Pois, são diversas compreensões quanto à mesma, pautam-se em práticas e orientações do próprio magistério da Igreja.

Como ponto de partida desta reflexão, é salutar um olhar para a encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, escrita pelo santo Papa João Paulo II, no ano de 2003, por ocasião do 25º aniversário de seu pontificado. Neste importante documento, umas das



principais expressões utilizadas por João Paulo II é: “a Igreja vive da Eucaristia”, demonstrando, logo de início, que o caminho a ser percorrido para uma relação mais profunda da Eucaristia é mergulhar na sua dimensão eclesial. Percebe-se, que nesta encíclica, há uma relação interdependente que garante não somente a identidade dessa comunidade dos crentes, mas que é elemento essencial de sua própria constituição.

A Igreja sempre teve cuidadosa atenção para com a Eucaristia. Pois ela, sendo memória viva da presença do Senhor, ocupou sempre o centro na vida das comunidades e no coração dos cristãos. Afirma o Papa João Paulo II, que “a Eucaristia, presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual, é o que de mais precioso pode ter a Igreja no seu caminho ao longo da história” (2003, p. 3). Essa afirmação não somente evidencia quão importante e imprescindível é a Eucaristia para a Igreja, mas, mesmo que de modo implícito, aponta certa perspectiva quanto a direção que o próprio documento se propôs a tratar.

As temáticas referentes à Eucaristia não deixam de ser atuais e pertinentes quanto à vida eclesial. Em tempos bastante dinâmicos, como a contemporaneidade, em que o desejo de aproximação ou distanciamento daquilo que se celebra, se torna mais do que relevante, o seu redescobrimento numa dinâmica eclesial. Diante disso, este trabalho tem por objetivo geral refletir a dinâmica comunitária da Eucaristia ao longo da história com especial ênfase na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Por objetivos específicos têm-se: levantar os principais elementos que comprovam a centralidade da união comunitária já nas primeiras comunidades cristãs; analisar a encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, destacando o lugar na vida comunitária, bem como o diálogo que ela tece com a concepção moderna da Eucaristia proposta pelo Concílio Vaticano II; destacar algumas situações do tempo atual que exigem uma urgente pastoral eucarística que priorize a dimensão comunitária deste sacramento.

Para se alcançar estes objetivos, o método utilizado foi o de revisão bibliográfica, que segundo Marconi e Lakatos (2003), é aquela pesquisa que procura levantar toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema proposto. Para isso, foi pesquisado publicações em diversos meios, como livros, monografias, teses e revistas científicas que tratam o tema e é claro, a Sagrada Escritura e os vários documentos que compõe a rica Tradição do magistério da Igreja.

# 1 A EUCARISTIA E A SUAS COMPREENSÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

## 1.1 APROXIMAÇÃO CONCEITUAL

Fazer a aproximação conceitual é sempre mais exigente do que descrever o seu significado etimológico. No caso específico deste trabalho, o sentido etimológico da palavra Eucaristia é um tanto quanto simples: do grego *εὐχαριστία*, "reconhecimento", "ação de graças". Estaria terminado aqui este tópico. No entanto, dada a profundidade, a importância e principalmente a complexidade da palavra Eucaristia, é preciso um estudo mais aprofundado, ir às raízes mesma e, antes de tudo, compreender a dimensão cultural ao qual a palavra originou e as culturas aos quais ela evoluiu. Segundo Theissen e Merz (2002), a conceituação de Eucaristia está inserida em um contexto extremamente complexo, haja vista que está no campo da linguagem simbólica, isto é, cada povo, em cada época lida com os símbolos de formas diferentes e com a Eucaristia não é diferente.

Um dos aspectos aos quais devem chamar a atenção na Eucaristia são elementos que a compõe, isto é, a dimensão do alimentar-se. O alimento é o sustento básico de todos os tipos de vidas. Sem o alimento, o ser vivo simplesmente perece. Assim, tanto na Eucaristia, quanto em diversas outras religiões mais primitivas, o alimento representa uma forma importante de união entre o homem e a divindade. Desta forma, verifica-se que para os antigos povos caçadores ou agricultores, a oblação sacrificial estava vinculada ao sustento cotidiano: da caça ou dos frutos recolhidos. A oferenda primicial era reservada à divindade. Ao oferecer os frutos do seu trabalho ou os animais domésticos à divindade, o ser humano estava fazendo uma oblação de si mesmo, dando daquilo que constituía o seu único sustento.

Diante do elemento alimentar da Eucaristia, abre-se um vasto campo simbólico, uma vez que se trata de uma experiência que foi sendo passada de geração em geração, como única forma de se comunicar com a divindade. Neste sentido, Aldazábal (2002, p. 158), recorda que:

Nas religiões pagãs contemporâneas havia também alimentos sagrados, tanto nos cultos místicos do helenismo, como em outras religiões orientais. O que demonstra que Cristo escolheu um gesto simbólico universal. Assim, sabemos de alimentos de amizade, eu em honra dos defuntos, ou como ato de culto para uma divindade, ou alimentos nos quais desempenha um papel importante o animal que se come ou que é proibido comer para participar ou respeitar os valores simbólicos que se associam a ele.

Neste ponto, é impossível não recordar da ceia pascal judaica, uma importante chave para se compreender a Eucaristia cristã. Na ceia pascal judaica está contida a mais importante refeição sagrada, uma vez que esta refeição é uma memória festiva do êxodo. Nos evangelhos sinóticos, a última ceia de Jesus é claramente uma alusão àquela Páscoa dos judeus, cujo centro é o próprio Jesus. Neste sentido, percebe-se que a ceia de Jesus é claramente a nova ceia dos cristãos.

Apesar de o cristianismo abarcar este mesmo campo simbólico, ele vai além, pois com o passar do tempo vai desenvolver outros novos “rituais”, como o batismo, rito central da iniciação e a Eucaristia, como substituição dos ritos sangrentos, como recorda Theissen e Merz (2002, p. 434), ao colocar que “nenhum desses sacramentos remonta a uma pré-história antiquíssima, mas a mais recente história: o batismo remete a João e a Eucaristia a Jesus”. No entanto, é importante sempre deixar claro que possui sua raiz nas experiências passadas, dos povos “primitivos”, anterior ao advento do cristianismo.

Ainda sobre o caráter de alimento da Eucaristia, Aldazábal defende que mesmo que o cristianismo tenha adotando-o em seu rito eucarístico, não é uma influência dos ritos pagãos. Em outras palavras, este autor defende que o cristianismo, ao adotar o alimento teria o feito de forma isolada, uma vez que “as evidentes semelhanças devem-se ao fato universal de comer em comum, próprio de todas as culturas e religiões” (ALDAZÁBAL, 2002, p. 158). Mesmo que a posição deste autor contrarie alguns outros estudiosos que defendem que o cristianismo foi sim influenciado por ritos de outros povos pagãos, algo chama a atenção no rito da Eucaristia em específico que a diferencia de outros: o alimento não une apenas o homem a Deus, mas gera também uma união entre os homens.

O alimento é também fonte de unidade comunitária. Os comensais que compartilham a mesa ficam unidos; “comer com outros”, foi sempre símbolo de solidariedade, amizade, comunicação interpessoal e festa. O alimento se converte em algo mais do que repor forças e alimentar-se; é o contexto mais espontâneo da acolhida e da hospitalidade [...] para os cristãos, o alimento eucarístico teve desde o princípio, além da consciência de união com Cristo, está noutra direção de fraternidade (ALDAZÁBAL, 2002, p. 161).

Neste sentido, é simbólico a atitude de Jesus, que ao longo da sua vida pública fez questão de dividir a mesa, isto é, comer com os mais diferentes tipos de pessoas, seja de pessoas amigas, como Lázaro ou Mateus, ou de pessoas consideradas ruins, como Simão e Zaqueu. Percebe-se assim que a função

eucarística do alimentar-se no cristianismo não é algo somente divino, não é apenas uma ligação com Deus, mas sobretudo uma prática de solidariedade, uma profunda dimensão comunitária.

## 1.2 EUCARISTIA E NOVO TESTAMENTO

As primeiras notícias que se tem da celebração eucarística no Novo Testamento estão narradas nos Atos dos Apóstolos e nos escritos de Paulo. Em todas elas, é possível perceber que os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana para celebrar a “fração do pão” em obediência ao que disse Jesus: “fazei isso em memória de mim”. Tem-se assim que a Eucaristia, desde o seu primórdio é uma refeição. Com efeito, Paulo no capítulo 10 da *Primeira epístola aos Coríntios*, fala do “pão que partimos” e do “cálice de benção que abençoamos”. Já no capítulo 11 desta mesma carta, fala da “ceia do Senhor”.

Já no livro dos Atos dos Apóstolos, mais especificamente em Atos 2, 42-46, tem-se a notícia sobre a celebração da Eucaristia no meio de uma vida comunitária, que também possui outras manifestações cúlticas, como a oração e a escuta da palavra além da projeção missionária na sociedade. Percebe-se assim, que a Eucaristia não aparece como um rito isolado, mas fazendo parte do conjunto da vida eclesial. Segundo Jeremias (2003), é possível traçar quatro características centrais da Eucaristia narrados por Lucas nos Atos, aos quais dois são horizontais: a *didaché*, ou ensinamento e a *koinonia*, ou comunhão; já os aspectos verticais são as *klasis tou artou*, isto é, a fração do pão e as *proseuchai*, que são as orações. Em relação aos aspectos verticais, o autor apresenta que:

A *koinonia* como uma coleta de ajuda aos necessitados ou como ágape fraterno [...] o ensinamento, *didaché*, dos apóstolos se entende como a prolongação mais sistemática da evangelização inicial ou querigma [...] em Atos se nos diz que tanto no templo como nas casas anunciavam corajosamente a boa notícia; a comunhão, *koinonia*, não é entendida como refeição comum ou coleta beneficente, nem exclusivamente como a união de fé com os apóstolos ou a partilha dos bens, mas como algo global, isto é, a união comunitária da mesma fé em torno de Cristo que leva para sinais externos como a celebração (JEREMIAS, 2003, p. 153).

Percebe-se assim, que a celebração eucarística no Novo Testamento era marcada sobretudo com gestos concretos de caridade e amor ao próximo, para depois se exteriorizar através de gestos religiosos.

As *proseuchai*, ou orações cristãs, herdadas dos Salmos eram agora aplicadas a Cristo, em uma nova era da salvação. Observa-se um novo marco na vida eclesial, que é a fração do pão, a *klasis tou artou*, expressão que vem das refeições judaicas, sobretudo a pascal, porque seu primeiro gesto era que o pai de família tomasse em suas mãos o pão e com uma bênção a Deus o partia para os seus; para os cristãos este gesto adquiriu um sentido específico e deu o nome à sua celebração não só o seu primeiro gesto, mas a toda refeição sagrada entendida já uma referência ao corpo e sangue de Cristo (JEREMIAS, 2003, p. 154).

Na esteira desta concepção da Eucaristia no Novo Testamento, é importante a reflexão de Kasper (2006), quando coloca que não existe uma dimensão social que se sobressai à dimensão religiosa, nem vice-versa. Para este teólogo, a Eucaristia é uma *communio*, tanto em sentido pessoal, como participação em Cristo e união íntima com ele, quanto eclesiasticamente. Estas duas dimensões da Eucaristia esbarram em um ponto fundamental para o cristianismo nascente: a ética.

### 1.3 A ASSEMBLEIA CRISTÃ ATÉ O IV SÉCULO

Todas as fontes neotestamentárias atestam que a participação dos primeiros cristãos nas assembleias e culto ocorria de forma intensa e das mais diversas formas. Com efeito, esta realidade não poderia ser diferente, haja vista que era através destas reuniões que se podia fazer uma experiência mais profunda com o Ressuscitado. Assim, participar da Eucaristia significava, antes de tudo, viver.

Outro aspecto que reforçava a participação dos primeiros cristãos nas reuniões eucarísticas relatado por Melo (2000), se deve ao fato de que os primeiros cristãos possuíam a clara consciência da importância do culto que já vinham sendo realizado por Israel desde o Antigo Testamento. No entanto, segundo este mesmo autor, tais cultos eram marcados por sacrifícios vazios de espírito e rico de exterioridade, como é possível verificar nas diversas críticas feitas pelos profetas e no Novo Testamento pelo próprio Jesus.

Esta realidade extremamente exterior e excludente dos sacrifícios contribuiu para que os primeiros cristãos recorressem com maior intensidade aos encontros eucarísticos, pois através desses podiam reconhecer-se como o novo Israel de Deus. Segundo Melo (2000), a partir desta carência do povo, os primeiros cristãos vão adotar um “espiritualismo cultural”, ou seja, um culto realizado em “espírito e verdade”, não mais ligado às instituições do sacerdócio ou do templo, seja o de Jerusalém ou de Garizim (Jo 4,19-26), mas que nascia do íntimo e comprometia a pessoa inteira.

Portanto, num culto assim tão intenso, exigente e comprometedor, não podia haver “não participantes”, pois o “tomar parte ativa” era algo de essencial.

Outra importante fonte que atesta a centralidade das reuniões eucarísticas na vida dos primeiros cristãos é a *Didaqué ou Doutrina dos doze Apóstolos*, um dos documentos patrístico mais antigo, que remonta aos anos 80 ou 90. Neste documento, é possível verificar uma passagem que expressa bem a importância da Eucaristia nas primeiras comunidades:

Reuni-vos no dia do Senhor para a fração do pão e agradecei (celebrai a eucaristia), depois de haverdes confessado vossos pecados, para que vosso sacrifício seja puro. Mas todo aquele que vive em discórdia com o outro, não se junte a vós antes de se ter reconciliado, a fim de que vosso sacrifício não seja profanado. Com efeito, deste sacrifício disse o Senhor: Em todo o lugar e em todo o tempo se me oferece um sacrifício puro, porque sou um grande rei – diz o Senhor – e o meu nome é admirável entre todos os povos (DIDAQUÉ OU DOCTRINA DOS APÓSTOLOS, 1970, p. 43).

Nesta passagem pode-se verificar que os encontros eram uma resposta obediente daqueles primeiros cristãos ao apelo do “grande rei” cujo nome é maravilhoso entre os povos. Outro aspecto observável é a dimensão de perdão e purificação exigida dos participantes, sendo uma condição indispensável à realização do sacrifício. Para Díaz (2008), este fragmento é um dos primeiros e mais importante sinal daquilo que viria a ser a reunião periódica da assembleia litúrgico-cristã. As enfáticas admoestações dirigidas a cada participante quanto ao perdão e purificação, por si, são já capazes de indicar a importância dada ao povo da assembleia nesta “sinaxis dominical” (DÍAZ, 2008, p. 87).

Outro grande testemunho que atesta a profundidade da participação na Eucaristia das primeiras comunidades é deixado por santo Inácio de Antioquia (séc. I). Entre seus escritos, é possível encontrar a importância da assembleia dos fiéis para a vida da Igreja. As cartas de Inácio revelam que a assembleia atribui um significado especial à Eucaristia: oferecem o pão do céu aos participantes. Este gesto expressa toda a força da oração cristã e a não participação é mostrar-se cheio de orgulho diante de Deus, O qual merece o agradecimento da assembleia dos seus fiéis. Desta forma, o santo admoesta:

Que ninguém se engane: quem não está junto do altar está privado do pão de Deus. Se a oração de duas pessoas juntas tem tal força, quanto mais a do bispo e de toda a Igreja. Aquele que não participa da reunião é orgulhoso e

já está por si mesmo julgado, pois está escrito: “Deus resiste aos orgulhosos” (ANTIOQUIA, 1995a, p. 173).

Em outro momento Inácio é enfático ao exortar:

Esforçai-vos para vos reunir mais frequentemente, para agradecer e louvar a Deus. Quando vos reunis com frequência, as forças de satanás são abatidas e sua obra de ruína é dissolvida pela concórdia de vossa paz (ANTIOQUIA, 1995a, p. 182).

Já na carta aos Magnésios, Inácio exorta para que os crentes participem da assembleia cultural, revelando uma preocupação em manter a unidade da Igreja em torno do bispo e dos seus presbíteros:

Não tenteis fazer passar por louvável coisa alguma que fizerdes sozinhos. Pelo contrário, reunidos em comum, haja uma só oração, uma só súplica, um só espírito, uma só esperança no amor, na alegria imaculada, que é Jesus Cristo: nada é melhor do que ele. Correi todos juntos como ao único templo de Deus, ao redor do único altar, em torno do único Jesus Cristo, que saiu do único Pai e que era único em si e para ele voltou (ANTIOQUIA, 1995b, p. 201).

Outra alegria que deve ser ressaltado nos escritos de Inácio, é a alegria que a assembleia alcança nas reuniões eucarísticas. Assim, ele pede o envio de um diácono a Antioquia, para que “vá até lá como mensageiro de Deus, a fim de me alegrar com aqueles que estão reunidos, e glorificar o Nome” (ANTIOQUIA, 1995a, p. 205).

Diversas outras fontes demonstram o quão importante era a participação dos cristãos na assembleia eucarística. É comovente o testemunho relatado por um pagão através de carta a Plínio, o Jovem, escrita por volta do ano 112, ao qual dá notícia sobre a assembleia cristã: “costumam reunir-se habitualmente num dia determinado, antes da aurora, e recitar entre eles em dois coros uma invocação a Cristo, considerando-o um deus (PLÍNIO, *apud* Rordorf, 1979, p. 136).

Já em outro momento, é possível encontrar relatos aos quais mostram que a presença na assembleia dos fiéis não era uma opção, mas uma exigência, pois havia a concepção de que ao não participar dessas reuniões, dilacerava-se o corpo uno do Senhor, como é possível ler na *Didascália apud* Rordorf (1979, p. 171):

Porque sois membros de Cristo, não disperseis a Igreja não reunindo-vos; de fato, porque tendes em Cristo o vosso chefe presente e em comunhão convosco, segundo a sua promessa, não negligencieis e não priveis o

Salvador de seus membros, não dilacereis e não disperseis o seu corpo nem queirais antepor à palavra de Deus as necessidades da vossa vida temporal, mas no dia de domingo, ponde de parte todas as coisas, apressais em ir à Igreja. De fato, qual justificação poderá apresentar a Deus quem não se reúne nesse mesmo dia em assembleia para escutar a palavra de salvação e nutrir-se (do alimento divino que dura em eterno)?

Dada a importância da Eucaristia para as primeiras comunidades, Melo (2000), procura destacar alguns elementos que fizeram com que o culto eucarístico se tornasse central na vida cristã. O primeiro deles se deve ao de não existirem, nos três primeiros séculos cristãos, livros litúrgicos propriamente ditos, a não ser o texto das Sagradas Escrituras. A liturgia desta época, permanecendo sempre fiel à tradição nos seus elementos essenciais, era em muito aberta à livre criatividade e quem presidia a celebração elevava o seu louvor conforme a sua capacidade, adaptando-o ao público presente.

Ainda segundo Melo (2000), este caráter livre da liturgia primitiva pode ser encontrado na *Tradição Apostólica*, de Hipólito, quando Ihe é oferecido ao novo bispo, um esquema de oração eucarística e este Ihe responde:

não é necessário que o bispo pronuncie literalmente as palavras transcritas, como que precisando esforçar-se para sabê-las e usá-las de cor, mas cada um reze segundo suas capacidades. Se alguém é capaz de rezar longamente e com solenidade, está bem. Mas se pronuncia uma oração curta, não seja impedido de fazê-lo, contanto que reze uma oração de sã ortodoxia (Melo, 2000, p. 199).

Percebe-se assim que um dos elementos mais significativos e profundos da assembleia é a presença de todos, que se reúnem no amor e na caridade e juntos elevam os louvores a Deus numa só voz e numa só ação de graças. Sem esses elementos a participação eucarística está fadada ao fracasso e em consequência perde a sua centralidade na vida dos cristãos, como destaca Melo (2000), que observa o quanto a participação dos fiéis na liturgia eucarística entra em decadência a partir do século IV e V e se agravando mais ainda durante a Idade Média.

#### 1.4 A ASSEMBLEIA CRISTÃ DA IDADE MÉDIA AO CONCÍLIO VATICANO II

Com o advento da Idade Média e o encontro com outras culturas, a participação na Eucaristia vai ganhando novos contornos que afastam as pessoas. Um desses contornos é a chamada missa “estacional”, ao qual o bispo se reunia com



o clero e alguns representantes dos fiéis nas diversas zonas da cidade. Neste sentido, a reunião não se dava propriamente por causa da Eucaristia, mas por causa da presença do Bispo. A situação se agravaria ainda mais no século V, quando o papa Gelásio (492-496), transforma a Oração Universal ou dos Fiéis, que era um importante meio de participação popular na liturgia, numa litania cujas intenções não só serão propostas pelo diácono, como também a súplica que a segue: *Kyrie ou Christe eleison*. Pouco depois esta oração é transferida para o início da celebração, antes do Glória, e acabará por perder as intenções, permanecendo apenas a súplica. Assim se retirou das mãos dos fiéis um de seus elementos mais próprios e tradicionais, fonte de grande participação na celebração e de resposta orante às leituras escutadas.

Ainda sobre a liturgia na Idade Média, são valiosos os ensinamentos de Nocente (1989, p. 192):

A partir da época medieval o sentido da liturgia, a eucarística em especial, como uma ação da inteira comunidade começa a dar lugar a uma série de anomalias litúrgicas, que aumentam à medida em que também avança na Igreja a ignorância litúrgica. Exemplos destes abusos são as “Apologias”, que intimamente relacionadas com a disciplina das “Comutações”, se inserem com timidez na missa a partir do século IX, mas se proliferam mesmo no X e XI séculos. Apologias eram orações para pedir perdão, introduzidas na missa celebradas pelos vivos e pelos mortos. Através delas o padre implorava a piedade do Senhor para si próprio, para os que tinham encomendado a missa ou também para aqueles em favor de quem ela era celebrada. Em determinadas missas as apologias eram numerosíssimas, dominando quase todo o rito. Elas eram encontradas em momentos como das ofertas, e também durante o Sanctus. Dirigiam-se a Cristo, à Trindade Santa etc. Conservadas no Missal de S. Pio V, algumas ainda permanecem no Missal atual, como as duas orações à escolha antes da comunhão.

Logo, se percebe que a celebração da Eucaristia se tornou apenas uma celebração ritualista, sem ligação com a vida cotidiana das pessoas.

Outros tipos de aberrações litúrgicas são descritos por Marsili (1989), como os diferentes tipos de missas: as chamadas *missa sicca*, a *missa bifaciata* e a *missa tri-quatrifaciata*. As duas primeiras “eram duas formas diversas de eludir a proibição de celebrar mais missas por outros tantos estipêndios” (MARSILI, 1989, p. 172). Desta forma, o padre só podia receber uma espórtula de missa por dia sem incorrer no erro da simonia, inventou-se outros tipos de celebração que tinham aparência de missa, mas não eram, e assim garantiam outras espórtulas.

Melo (2000), chama a atenção para o fato de que até mesmo a arquitetura das igrejas vai contribuir para distanciar os fiéis da celebração eucarística. Com efeito,

onde se passa a cena litúrgica, isto é, o presbitério, fora colocado em lugar mais elevado e distante, criando um amplo espaço em torno e diante do altar, favorecendo a realização de uma liturgia solene, pomposa e incompreensível, “à qual o povo assistirá lá de baixo e de longe, como a um espetáculo” (MELO, 2000, p. 203). A partir de então, cria-se dois tipos de classes: aquele que realiza a liturgia, o clero que passa a ser visto como um semideus e aqueles que assistem a liturgia, isto é a massa do povo, considerados os pecadores. Esta realidade se arrastaria até o Concílio Vaticano II, no século XX, quando a Igreja propõe uma volta ao cristianismo primitivo.

Dessa maneira, depois do percurso feito até aqui, é oportuno abordar a dimensão comunitária da Eucaristia em nossos tempos. Como é proposto como caminho neste trabalho, toma-se a Encíclica *Ecclesia de Eucharistia* do papa João Paulo II, com a intenção de atualizar a reflexão sobre a Eucaristia e seus desdobramentos no caminhar da Igreja nos tempos atuais.

## 2 ASPECTO COMUNITÁRIO DA EUCARISTIA NA *ECCLESIA DE EUCHARISTIA*

### 2.1 CONTEXTO E AUTORIA DA ENCICLICA

A Igreja não só recebeu a Eucaristia como o dom do amor de Jesus chegado ao extremo, mas ela também se alimenta da Eucaristia, como é possível observar no episódio evangélico da multiplicação dos pães atestado nos quatro Evangelhos. Segundo Miranda (2015), a vida cristã, desde um primeiro momento é iluminada pela Eucaristia. Com efeito, da mesma forma como Israel tornou-se o povo de Deus através da antiga aliança do Sinai, Jesus, ao celebrar uma nova aliança na instituição da Eucaristia, deu origem a um Novo Povo. É, pois na celebração da Eucaristia, segundo ensina São Paulo, que a Igreja se torna, em plenitude, o Corpo de Cristo, haja vista que para São Paulo, comer e beber são atos de comunhão, como bem expresso em 1Cor 10. Portanto, a eclesialidade de uma comunidade tem diversos níveis. Fundamentalmente, a Igreja é a comunidade daqueles que creem em Jesus (*communitas fidelium*). No entanto, a eclesialidade só se torna plena quando, em comunidade, é celebrada a Eucaristia, uma vez que:

Deus entra na vida humana pela fé. A Eucaristia, que faz Deus penetrar mais profundamente na vida cristã, necessita ser acolhida com fé. Ela está inclusive no centro da fé, visto que, no seu sangue, Jesus pede que se creia nele. Crer em Cristo é crer em sua Eucaristia (MIRANDA, 2015, p. 86).

É, pois neste contexto de profunda fé na Eucaristia, como sendo a origem e o cume da vida cristã, que é publicada a carta encíclica *Ecclesia de Eucharistia* pelo Papa João Paulo II, em 2003. Deve-se ressaltar que em se tratando da Eucaristia, esta encíclica não representa uma novidade, uma vez que o Sumo Pontífice não hesitava em discorrer sobre a Eucaristia em diversos momentos, como por exemplos nas inúmeras cartas dirigidas aos sacerdotes de toda a Igreja por ocasião da Quinta-Feira Santa, todas elas carregadas de profundas reflexões, como a escrita no ano de 2000, assinada no cenáculo de Jerusalém, mostrando que ali se encontra a origem do sacerdócio ministerial. Com esse gesto, o Papa deixava claro que o sacerdócio ministerial está intimamente ligado a tudo aquilo que se passou no cenáculo de Jerusalém na primeira quinta-feira santa, isto é, a da instituição da Eucaristia. Desta maneira é enfático ao afirmar que:

*Sacerdos et Hostia!* Sacerdote e Vítima. Este aspecto sacrificial caracteriza profundamente a Eucaristia, sendo também uma dimensão constitutiva do sacerdócio de Cristo e, conseqüentemente, do nosso sacerdócio [...] Como não voltar incessantemente a este mistério que encerra toda a vida da Igreja? Durante dois mil anos, este Sacramento alimentou uma multidão incontável de crentes. Dele nasceram torrentes de graças. Quantos santos encontraram nele não só o penhor, mas quase a antecipação do Paraíso! (JOÃO PAULO II, 2000).

Neste fragmento, percebe-se a dimensão profunda que a Eucaristia representava para o magistério do Papa João Paulo II. Já a encíclica *Ecclesia de Eucharistia* foi assinada como carta dirigida aos sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 2003, ano em que a Igreja celebrou os 25 anos de seu pontificado. Assim, a encíclica recorda um dos principais temas desta carta: a apostolicidade da Eucaristia. Com efeito, este importante escrito apresenta diversos aspectos, como doutrinal, espiritual e jurídico. É possível encontrar ainda diversos temas, como a historicidade da Eucaristia, a Eucaristia como mistério da fé, sua relação com a Igreja, sua apostolicidade, sua dimensão ética e é claro, a dimensão cosmológica e escatológica da Eucaristia.

Pode-se considerar a *Ecclesia de Eucharistia* como que o sumário e o fruto maduro da visão de João Paulo II em relação à Eucarística e sobre a Igreja. Ele declara que a Eucaristia não é apenas a fonte e o cume da vida da Igreja, mas também o mistério que define a própria Igreja:

A Igreja vive da Eucaristia e dela nasce constantemente. A Igreja realiza-se de modo particular mediante a Eucaristia, que é como que o ápice para o qual tudo na Igreja tende [...] Por isso a Igreja, se quiser verdadeiramente compreender até ao fundo a si mesma e a própria missão, deve incessantemente descobrir esta presença eucarística de Cristo, meditá-la e viver dela (EE, n. 1).

Logo, evidencia-se que a concepção de Eucaristia do Papa João Paulo II não se reduz a uma teoria, mas conduz ao compromisso, essencial para a Igreja, de perseverar e progredir constantemente na vida e na piedade eucarísticas, e a desenvolver espiritualmente o clima da Eucaristia, uma vez que a Eucaristia é evangelização, haja vista que:

Del altar eucarístico, corazón pulsante de la Iglesia, nace constantemente el flujo evangelizador de la palabra y de la caridad. Por ello, el contacto con la Eucaristía ha de llevar a un mayor compromiso por hacer presente la obra redentora de Cristo en todas las realidades humanas. El amor a la Eucaristía

ha de impulsar a poner en práctica las exigencias de justicia, de fraternidad, de servicio, de igualdad entre los hombres (JOÃO PAULO II, 1993).

Percebe-se claramente que a Eucaristia leva automaticamente ao compromisso autêntico com os irmãos e não possui apenas dimensão ritualista, mas se abre e concretiza na fraternidade e no serviço.

## 2.2 EUCARISTIA E COMUNHÃO ECLESIAL

Quando se celebra a Eucaristia, a Igreja encontra-se a si mesma e cresce na sua identidade. Aprofunda o seu próprio mistério, além de edificar a comunhão dos crentes, formando, em plenitude, um único Corpo. A Eucaristia é o sacramento da vida eclesial. Por isso mesmo, a comunhão eclesial não é uma agregação voluntarista de fiéis. Não nasce debaixo. É dom e graça que vem do alto. A comunhão eclesial é, antes de tudo, comunhão da graça. Supõe a vida da graça. É a sua dimensão invisível. Supõe também a fé, a esperança e a caridade, que são virtudes teologais, dom de Deus. Assim, quando celebra a Eucaristia, a Igreja se revela como comunhão dos santos. Além da dimensão invisível, a Eucaristia possui também uma dimensão visível: “a comunhão na doutrina dos Apóstolos, nos sacramentos e na ordem hierárquica” (EE, n. 35).

Por vez, a comunhão eclesial da assembleia eucarística é também comunhão com o bispo e com o papa. O bispo é o princípio visível e o fundamento da unidade na Igreja particular. E o sucessor de Pedro é o fundamento visível da unidade, tanto dos bispos como dos fiéis. Por isso, toda celebração eucarística se realiza em comunhão com o papa, com a ordem episcopal, com o clero e com todo o povo. A comunhão eclesial, que tem como o centro a Eucaristia, tem também uma dimensão ecumênica. Faz com que a Igreja se abra ao futuro. Estimula a plena comunhão com os irmãos separados. A aspiração à unidade plena é, ao mesmo tempo, aspiração por partilhar, um dia, o pão eucarístico. Enquanto a unidade não for plena, não é possível, partilhar a mesma Eucaristia.

Finalmente, a comunhão tem uma dimensão universal. Unida a Cristo, a Igreja, que celebra a Eucaristia, é sacramento universal de salvação. Afirma a encíclica: “Unindo-se a Cristo, o povo da nova aliança não se fecha em si mesmo; ao contrário, torna-se “sacramento” para a humanidade” (EE, n. 22).

## 2.3 A ENCICLICA EM DIÁLOGO COM A TEOLOGIA SACRAMENTAL

Ao escrever a *Ecclesia de Eucharistia*, João Paulo II estabelece um profundo diálogo com a teologia sacramental, principalmente com a teologia oriunda do Concílio Vaticano II, principalmente no que diz respeito à Constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium*. Este diálogo se aprofunda à medida que a reflexão focaliza a dimensão comunitária da Eucaristia, que na encíclica é apresentada no logo do capítulo 2 sob o título *A Eucaristia edifica a Igreja*, quando o Santo padre recorda de imediato aquilo que o próprio Vaticano II ensina sobre a centralidade da Eucaristia para a vida e edificação da Igreja. Com efeito, a *Sacrosanctum Concilium* é enfática ao dizer que é através da Liturgia do sacrifício eucarístico que se realiza plenamente a obra da Redenção. Neste sentido, é através da participação dos fiéis na Eucaristia que Cristo continua vivo e atuante no hoje da história, haja vista que:

exprimam e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja, que tem como característica ser, simultaneamente, humana e divina, visível e dotada de realidades invisíveis, empenhada na ação e dedicada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos (SC, n. 2).

Este mesmo pensamento também é encontrado na encíclica de João Paulo II, quando recorda o convite de Jesus a seus amigos “Tomai, comei [...] Bebei dele todos” (Mt 26, 26.27), simbolizando que pela primeira vez os seguidores do Mestre entravam em comunhão sacramental com Ele. É, pois através da memória daquele gesto é que a Igreja se edifica através da comunhão sacramental com o Filho de Deus imolado, como recorda a Sagrada Escritura: “Fazei isto em minha memória” (1 Cor 11, 24-25) e em outro momento: “Todas as vezes que o beberdes, fazei-o em minha memória” (Lc 22, 19). Portanto, a incorporação em Cristo, já realizada pelo Batismo, renova-se e consolida-se continuamente através da participação no sacrifício eucarístico.

O Papa João Paulo II, aprofunda um pouco mais em sua reflexão e ensina que não é apenas o cristão que recebe a Cristo na Eucaristia, mas Ele próprio recebe o cristão. Assim, “Ele intensifica a sua amizade conosco”, como bem lembrado no versículo de João 15, 14, quando Jesus chama aos seus de amigos: “Chamei-vos amigos. Portanto, é através da comunhão eucarística, que se “realiza-se de modo

sublime a inabitação mútua de Cristo e do discípulo: “Permaneçei em Mim e Eu permanecerei em vós” (Jo 15, 4)”. Deste modo, a Liturgia edifica cada dia os que estão na Igreja para fazer deles um templo vivo.

Esta concepção da Eucaristia se insere dentro de discussões teológicas atuais, como por exemplo na teologia do cardeal francês Henri de Lubac, cuja expressão mais conhecida é de que “a eucaristia faz a Igreja, a Igreja faz a eucaristia” (LUBAC, 1969, p. 121), inspirado na teologia dos padres da Igreja e indicando que, quando a comunidade dá graças através da celebração da eucaristia, é imediatamente revelado suas atitudes fundamentais diante de Deus. Com efeito, o modo como se celebra, mostra que a Igreja é, ao mesmo tempo santa e pecadora, haja vista que à medida que se celebra a Eucaristia, também se aprende a dar graças. Portanto, a Igreja reunida em torno da mesa do Senhor perfaz um caminho para a verdade que celebra. Mas para que isso ocorra de fato, é necessário reencontrar, em cada celebração, o significado que Jesus deu ao entregar-se no gesto do pão e do vinho, antes da entrega de seu corpo crucificado e de seu sangue derramado. Assim escreve Lubac (1969, p. 68):

Todos são unânimes: o fruto essencial do sacramento [da eucaristia] é a unidade. Por isso, ela merece plenamente este nome de comunhão que o designa. É essa a razão pela qual ainda que na **cisma** pão e vinho sejam realmente consagrados, devemos dizer que só a Eucaristia verdadeira no seio da unidade.

Esta comunhão ao qual é própria da Eucaristia é rezada na Oração Eucarística II, quando se invoca o Paráclito através da seguinte prece “participando no corpo e sangue de Cristo, sejamos reunidos, pelo Espírito Santo, num só corpo” (MISSAL ROMANO). A profundidade desta oração revela como a eficácia do sacramento eucarístico deseja a unidade dos fiéis na comunhão eclesial. Assim, a Eucaristia aparece na raiz da Igreja como mistério de comunhão. Com efeito, na encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, João Paulo II ressalta que a Eucaristia é a mais sublime manifestação sacramental da comunhão na Igreja:

a eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo, comunidade entre os homens [...] de fato, a unicidade e indivisibilidade do corpo eucarístico do Senhor implicam a unicidade do seu corpo místico, que é a Igreja una e indivisível. Do centro eucarístico surge a necessária abertura de cada comunidade celebrante, de cada Igreja particular: ao deixar-se atrair pelos braços abertos do Senhor, consegue-se a inserção no seu corpo, único e indiviso Por este motivo, na celebração da eucaristia, cada fiel encontra-se

na sua Igreja, isto é, na Igreja de Cristo. Nesta perspectiva eucarística, adequadamente entendida, a comunhão eclesial revela-se realidade católica por sua natureza (EE, n. 24).

Outro ponto colocado tanto na encíclica, como na constituição *Sacrosanctum Concilium* é o modo como se dá a união entre o Corpo de Cristo e a Igreja. No primeiro é colocado que:

Tal como o pão é um só apesar de constituído por muitos grãos, e estes, embora não se vejam, todavia estão no pão, de tal modo que a sua diferença desapareceu devido à sua perfeita e recíproca fusão, assim também nós estamos unidos reciprocamente entre nós e, todos juntos, com Cristo. A argumentação é linear: a nossa união com Cristo, que é dom e graça para cada um, faz com que, n'Ele, sejamos parte também do seu corpo total que é a Igreja. A Eucaristia consolida a incorporação em Cristo operada no Baptismo pelo dom do Espírito (cf. 1 Cor 12, 13.27). A ação conjunta e indivisível do Filho e do Espírito Santo, que está na origem da Igreja, tanto da sua constituição como da sua continuidade, opera na Eucaristia (EE, n. 23).

Já no documento conciliar é posto que:

Deus, que “quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tim 2, 4), “tendo falado outrora muitas vezes e de muitos modos aos nossos pais pelos profetas” (Heb. 1, 1), quando chegou a plenitude dos tempos enviou o seu Filho, Verbo feito carne, ungido pelo Espírito Santo, a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, como “médico da carne e do espírito”, Mediador entre Deus e os homens. A sua humanidade foi, na unidade da pessoa do Verbo, o instrumento da nossa salvação. Por isso, em Cristo “realizou-se plenamente a nossa reconciliação e nos foi dada a plenitude do culto divino” (SC, n. 5).

Percebe-se assim, que ao transpor para a Eucaristia a mistagogia judaica, tal participação se dá por causa do anúncio do mistério pascal, isto é, sua realização se dá através do memorial com os sinais do pão e do vinho que se apropria da redenção em Cristo. Assim como Jesus, ao ser glorificado, levou o tempo para a eternidade, também a presença do Ressuscitado, suscitada pelo memorial, traz para o tempo a eternidade. Dessa forma, “na celebração eucarística, se realiza o encontro entre o tempo e a eternidade; ela é o ponto de encontro entre os dois” (TABORNA, 2005, p. 7). No mistério pascal de Cristo o tempo se eternizou. Por sua vez, pela ação do Espírito Santo, a eternidade entra no tempo e Cristo se torna presente a todos. Não meramente presente diante de todos para ser adorado, mas presente em cada pessoa, transformando-a pela comunhão, em seu corpo eclesial. Na celebração eucarística, portanto, se adentra a eternidade, embora sob as condições do tempo.



Em outras palavras, a celebração é a temporalização da eternidade e, conseqüentemente, a *eternalização* do tempo.

É importante notar que o capítulo 2 da encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, cujo tema é a dimensão comunitária da Eucaristia, termina apontando para a dimensão extra-religiosa do sacramento. Ou seja, João Paulo II reconhecer que a Eucaristia não é apenas uma celebração, ou um ato litúrgico qualquer, mas possui implicações para toda a vida. O primeiro ponto que se observa a esse respeito é quando o Santo Padre lamenta os diversos “germes de desagregação tão enraizados na humanidade por causa do pecado” (EE, n. 24), que acaba por criar uma contradição entre “a força geradora de unidade do corpo de Cristo” (EE, n. 24). No entanto, mesmo diante de tal contradição o Papa é otimista ao recordar que mesmo assim, “a Eucaristia, construindo a Igreja, cria por isso mesmo, comunidade entre os homens” (EE, n. 24). Esta reflexão apresentada na encíclica, embora não aprofundada, apresenta um dos elementos fundamentais da teologia sacramental proposta pelo Concílio Vaticano II: a dimensão ética da Eucaristia.

A ética eucarística é descrita na *Sacrosanctum Concilium* da seguinte forma:

A Liturgia, por sua vez, impele os fiéis, saciados pelos “mistérios pascais”, a viverem “unidos no amor”; ela ora para “que sejam fiéis na vida ao que receberam pela fé”; e pela renovação da aliança do Senhor com os homens na Eucaristia, estimula e fortalece os fiéis na caridade urgente de Cristo. É, portanto, da Liturgia, principalmente da Eucaristia, que, como de uma fonte, brota para nós a graça e se obtém com a máxima eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como sua finalidade, todas as outras obras da Igreja (SC, n. 10).

Este tema será um dos mais caros à teologia sacramental no novo milênio, haja vista o crescente desejo de participação mais efetiva dos cristãos na vida da Igreja e da sociedade. Com efeito, retomando a reflexão de Lubac (1968, p. 81), é enfático ao declarar que “a verdadeira piedade eucarística não é um individualismo devoto”, mas uma verdadeira e profunda “partilha do pão”. Portanto, a Eucaristia, a verdadeira ceia da unidade, é incompatível com a ceia daqueles que se fecham em seus próprios interesses e não permitem aos outros dela participar, pois isso não corresponde ao desejo de Cristo sobre a Eucaristia, como é claramente colocado na doutrina de Paulo sobre as conseqüências que a Eucaristia deve produzir na vida fraterna dos crentes: o pão, fruto do trabalho humano, deve ser compartilhado para que se possa celebrar a fração do pão eucarístico.

Sobre os ensinamentos de Paulo sobre a Eucaristia, Aldazábal (2002, p. 102), destaca que, para o Apóstolo a questão não se resume em admitir as diferenças sociais entre os cristãos, antes, “a eucaristia é mais exigente e revolucionária: ela deve corrigir essas diferenças, deve ir diretamente a uma justiça mais comunitária e não conformar-se com um paternalismo que coexiste com as divisões”. Percebe-se assim, que a centralidade dos ensinamentos de Paulo sobre a Eucaristia reside na importância da fraternidade.

Em um olhar mais aprofundado, a preocupação de Paulo está em perfeita consonância com que diz no Evangelho de Mateus (5, 23), quando da necessidade de se reconciliar com o irmão antes de fazer a oferenda no altar. Da mesma forma é significativo o gesto do lava-pés no Evangelho de João que se dá antes da ceia. Portanto, nota-se que se alimentar de Cristo “entregue por”, a comunidade recebe o impulso para viver ela mesma “por Cristo” e em consequência “pelos outros” assimilando o modo de viver do Senhor, estabelecendo um diálogo salvador entre o dom de Deus, seu filho Jesus, e os homens e mulheres que respondem à iniciativa do Pai com a doação de suas vidas em uma profunda entrega de amor.

O compromisso daqueles que comungam do sacramento da Eucaristia é colocado por João Paulo II da seguinte forma no capítulo 4 da encíclica, também dedicada a refletir sobre a comunhão:

A integridade dos vínculos invisíveis é um dever moral concreto do cristão que queira participar plenamente na Eucaristia, comungando o corpo e o sangue de Cristo. Um tal dever, recorda-o o referido Apóstolo com a advertência seguinte: “Examine-se cada qual a si mesmo e, então, coma desse pão e beba desse cálice” (1 Cor 11, 28). Com a sua grande eloquência, S. João Crisóstomo assim exortava os fiéis: “Também eu levanto a voz e vos suplico, peço e esconjuro para não vos abeirardes desta Mesa sagrada com uma consciência manchada e corrompida. De fato, uma tal aproximação nunca poderá chamar-se comunhão, ainda que toquemos mil vezes o corpo do Senhor, mas condenação, tormento e redobrados castigos” (EE, n. 36).

Percebe-se logo que de fato, que para uma verdadeira participação na Eucaristia é preciso estar aberto para acolher os demais participantes, como expressa de forma poética e profunda a reflexão de Rouet (2007, p. 648), quando declara que a liturgia é uma “caminhada de libertação”, haja vista que se trata de um trabalho de parto, isto é, da constante saída de si mesmo para nascer cada vez mais para a vida cristã, e do trabalho de um povo, de comunhão com os irmãos na fé. Para este teólogo, a celebração da liturgia eucarística obriga cada um a deixar seu espaço para se

constituir em corpo de Cristo, passando de fiéis esparsos, a um povo de Deus, no qual o fiel oferece sua vida como “oferenda agradável a Deus” (Rm 12,1) em Cristo e por ele. Portanto,

A eucaristia não é um ato privado. Ela é o sacramento do Reino já presente, neste mundo que constitui o projeto do Pai, mundo fraterno, de partilha, diálogo e comunhão. Depois de Cristo, a eucaristia “faz sair” rumo a este mundo a receber, para nele trabalhar como servidor. É viver fora da Igreja os compromissos assumidos na Igreja (ROUET, 2007, p. 649).

A concepção de que a Eucaristia exige uma saída também está expressa na encíclica, quando João Paulo II expressa que a Eucaristia deve ser celebrada em um contexto ao qual haja integridade dos laços. Assim, celebrar a Eucaristia,

requer que sejam reais os laços de comunhão nos sacramentos [...] o sacramento do seu corpo e sangue não consente ficções [...] convém recordar que o sacrifício eucarístico, embora se celebre sempre numa comunidade particular, nunca é uma celebração apenas dessa comunidade: de fato esta, ao receber a presença eucarística do Senhor, recebe o dom integral da salvação e manifesta-se assim, apesar da sua configuração particular que continua visível, como imagem e verdadeira presença da Igreja una, santa, católica e apostólica. Daí que *uma comunidade verdadeiramente eucarística não possa fechar-se em si mesma*, como se fosse autossuficiente, mas deve permanecer em sintonia com todas as outras comunidades católicas (EE, n. 39). (grifo nosso).

Desta forma, a graça de Deus, que brota da Eucaristia, faz com que os seres humanos irmãos de Cristo, irmãos entre si, se tornem participantes do banquete da vida e se comprometam a fazer da vida um grande banquete. Em outras palavras, a dimensão da celebração da ceia deve ser essencialmente conectada à prática cristã no mundo.

Esta reflexão não poderia deixar de apresentar as importantes contribuições da teologia desenvolvida pelo cardeal Walter Kasper, principalmente no que diz respeito à dimensão ética da Eucaristia. Kasper é enfático ao declarar que a *communio* da Eucaristia era uma preocupação desde o cristianismo primitivo, quando havia grandes discussões sobre os comensais que se sentavam à mesa, como judeus e pagãos e até mesmo entre ricos e pobres. Já naquela época pretendia se fazer uma ceia de privilegiados e desprivilegiados. Kasper coloca essa questão como sendo grave, pois é uma discussão que ignora completamente aquilo que é essencial da Eucaristia, o amor com o qual o próprio Deus se entrega à humanidade. Com efeito,

Quando desprezamos os pressupostos éticos da celebração conjunta da eucaristia e suas consequências, estamos contradizendo a essência da eucaristia, isto é, a concretamente realizada ágape, que demonstra um mínimo de satisfação das exigências de justiça social. Não podemos partilhar o pão eucarístico, sem também partilharmos o pão nosso de cada dia. Não é à toa que a reunião eucarística termina com a missão para o mundo exterior (KASPER, 2006, p. 94).

Percebe-se que a discussão moderna pós-concílio Vaticano II sobre a Eucaristia, coloca uma atenção especial na participação qualitativa dos fiéis nas celebrações e não apenas uma participação massiva e passiva. Antes de qualquer coisa, há de se celebrar a Liturgia com retidão de espírito, para isso “unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus para não a receberem em vão” (SC 11)

Nesta reflexão, é preciso também destacar a dimensão escatológica da Eucaristia, que diz respeito diretamente ao sacrifício que tanto é enfatizado na *Ecclesia de Eucharistia*, aparecendo ao longo do documento cinquenta e uma vezes. Com efeito, se fosse para estabelecer uma definição de Eucaristia a partir da encíclica, provavelmente esta definição seria construída em torno da ideia de sacrifício, como se verifica em alguns trechos:

A Igreja vive continuamente do sacrifício redentor, e tem acesso a ele não só através duma lembrança cheia de fé, mas também com um contato atual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado [...] A Missa torna presente o sacrifício da cruz; não é mais um, nem o multiplica. O que se repete é a celebração memorial, a “exposição memorial” (*memorialis demonstratio*), de modo que o único e definitivo sacrifício redentor de Cristo se atualiza incessantemente no tempo [...] Em virtude da sua íntima relação com o sacrifício do Gólgota, a Eucaristia é sacrifício em sentido próprio, e não apenas em sentido genérico como se se tratasse simplesmente da oferta de Cristo aos fiéis para seu alimento espiritual (EE, n. 12).

É, pois a partir da ideia de sacrifício que se percebe a dimensão escatológica da Eucaristia, uma vez que, também os cristãos, quando participam do sacrifício eucarístico de Cristo, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela. Assim, na celebração quando se proclama o anúncio da morte do Senhor “até que Ele venha” (1Cor 11, 26), escabele-se imediatamente um compromisso de transformar a vida, em uma verdadeira “eucarística”. Dessa forma, a Eucaristia é ao mesmo tempo sacrifício de Cristo e sacrifício da Igreja. A Igreja “concelebra” o sacrifício pascal com seu Senhor e Esposo. Sendo “filhos no Filho” e recebendo o “corpo entregue” do

Senhor, nós mesmos, a comunidade eclesial, vamos nos convertendo em “corpo entregue” para a salvação do mundo.

Esta vida transformada em Eucaristia chegará ao seu ápice quando for celebrada na vida celeste. Afirma João Paulo II:

ao celebrarmos o sacrifício do Cordeiro unimo-nos à liturgia celeste, associando-nos àquela multidão imensa que grita: “A salvação pertence ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro” (Ap 7, 10). A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho (EE, n. 19).

Da mesma forma expressa Kasper (2006, p. 96), quando ensina que “a Eucaristia deve ser um prelúdio do vindouro Reino de Deus”. Um ponto significativo na encíclica é que João Paulo II reforça a dimensão social do sacramento ao afirmar que a dimensão escatológica presente na Eucaristia deve ser um importante estímulo à caminhada humana na história e,

lançando uma semente de *ativa* esperança na dedicação diária de cada um aos seus próprios deveres. De facto se a visão cristã leva a olhar para o “novo céu” e a “nova terra” (Ap 21, 1), isso não enfraquece, antes estimula o nosso sentido de responsabilidade pela terra presente (EE, n. 20).

Percebe-se assim, que a encíclica *Ecclesia de eucharistia*, apesar de se apresentar, vez ou outra, uma visão mais tradicional e doutrinal da Eucaristia, apresenta pontos inovadores e que dialoga tanto com a teologia proposta pelo Concílio Vaticano II, quanto com os teólogos mais atuais. Logo, se faz necessário voltar nosso olhar para a Eucaristia no hoje da história, na pastoral contemporânea, com seus novos desafios à comunhão.

### 3 EUCARISTIA E A IGREJA COMUNHÃO INVISÍVEL E COMUNHÃO VISÍVEL

#### 3.1 A PASTORAL NO HOJE DA HISTÓRIA

Esta reflexão sobre a ação pastoral da Igreja no hoje da história não poderia começar sem citar a importante obra *A pastoral dá o que pensar*, do teólogo Agenor Brighenti, lançado em 2011, mas que continua bem atual. Logo em suas primeiras páginas, Brighenti (2011), chama a atenção para o fato de que, embora a Igreja seja uma instituição divina, é também humana e por isso jamais pode estar alheia ao fator cultural em sua ação pastoral. Com efeito, mesmo que permeada pela graça e sob o dinamismo do Espírito Santo, a pastoral é uma ação humana que também está sujeita às mais variadas contingências. Cada autor analisa tais contingências de um ponto de vista distinto. Para alguns, o problema é o consumismo, para outros é a mídia, já outros dizem que é o ritmo frenético de trabalho e alguns esbarram na questão do capitalismo como principal vilão.

O modo de viver o hoje é marcado pela lógica do *aqui e agora*, desconectado do passado e do futuro, demonstrando que “os pós-modernos não querem perder sua vida em nome da história, não querem ser sujeitos da história” (COMBLIN, 2005, p. 204). O foco do homem e da mulher contemporâneos é o da liberdade, cujo foco é o prazer como deus do bem-estar. Para Brighenti (2011), essa realidade revela que o mundo atual está passando por uma profunda mudança de época e não uma mera época em mudança. Nessa mudança de época, a concepção humana se desintegra e surge uma supervalorização da subjetividade individual.

É preciso admitir que o mundo evoluiu e com ele a compreensão e a percepção de Deus, isto é, a experiência do Mistério, o modo de crer no Divino, de se relacionar com Ele, de ser fiel e de viver a religião também evoluíram. Lui (2010), faz uma interessante observação da evolução humana que passa de um eu individual para a necessidade da edificação de um nós familiar, unindo-se em comunidades tribais e chegando até mesmo a constituir cidades-estados e por último as nações. No entanto, esta realidade mudou completamente nos dias de hoje, pois o que se verifica é a criação de um “verdadeiro arquipélago da humanidade interconectada” (LUI, 2010, p. 97).

Esta mudança de época implica necessariamente um crescimento e principalmente um amadurecimento da vida, sendo a consequência mais direta disso

a mudança da compreensão das coisas e da mentalidade para que haja também uma mudança do jeito de ser, de viver, de relacionar e de agir. E para quem vive num eterno saudosismo de que no passado as coisas não mudavam, basta fazer um estudo superficial das cartas paulinas onde, em diversas ocasiões, o Apóstolo Paulo expressa sua própria experiência diante das realidades de mudança, ao qual se viu obrigado a superar valores e amadurecer a sua própria fé. Um dos exemplos mais claros se encontra em Primeiro Coríntios, quando diz: “quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança” (1Cor 13, 11). Para Capra (2006, p. 31), todo esse movimento de “mudança paradigmática, requer uma expansão, tanto de nossas percepções e maneiras de pensar, quanto de nossos valores”.

Diante de tais *problemas*, Brighenti (2011) lembra que a partir do Concílio Vaticano II a Igreja adquire o significado de Povo de Deus e por isso mesmo sua ação pastoral deve ser marcada por uma interação em forma de diálogo e serviço. É, pois nesse contexto sociológico que a Eucaristia se torna ainda mais fundamental na prática pastoral, haja vista que nesta nova realidade, a comunhão é elemento fundamental. Desta forma, expressa a *Lumen gentium*:

Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela; assim, quer pela oblação quer pela sagrada comunhão, não indiscriminadamente, mas cada um a seu modo, todos tomam parte na ação litúrgica. Além disso, alimentados pelo corpo de Cristo na Eucaristia, manifestam visivelmente a unidade do Povo de Deus, que neste augustíssimo sacramento é perfeitamente significada e admiravelmente realizada (LG, n. 11).

Também João Paulo II expressa essa preocupação na *Ecclesia de Eucharistia*, quando estabelece que uma das exigências intrínseca da Eucaristia é a sua celebração comunitária. É, pois neste ponto onde reside o grande desafio de uma pastoral eucarística em um contexto ao qual o individualismo grita mais forte.

São muitos os desafios, não restam dúvidas e uma das formas de vivenciar todos eles, é, segundo Brighenti (2011), conceber a ação pastoral como sendo primordialmente criadora, em outras palavras, como uma verdadeira obra de arte, como fez alguns santos Padres, como por exemplo, Gregório Magno, para quem a pastoral é como:

*Ars artium est regimen animarum.* Realmente, é uma dimensão imprescindível da pastoral da pastoral. Um grande papel da pastoral consiste, diante de novos desafios e das necessidades da ação evangelizadora, em dar respostas novas às novas perguntas oriundas de um contexto determinado, confrontado com a mensagem revelada. Em sua essência, a pastoral é, necessariamente, criatividade, condição para fazer história da salvação de Deus na história da humanidade (BRIGHENTI, 2011, p. 67).

Esta realidade criativa da pastoral não é apenas uma mera reflexão teológica, mas uma dimensão evangélica, como é possível perceber na parábola do Vinho Novo em Odres Velhos presentes nos Evangelhos sinóticos (Mt. 9,14-17; Mc 2, 18-22; Lc 5, 33-39).

### 3.2 PASTORAL E COVID-19

O ano de 2020 já entrou para a história como um dos piores anos da história da modernidade, quando o mundo todo, do mais rico ao mais pobre, se viu derrotado pelo vírus SARS-CoV-2, causador da doença Covid-19, cuja principal fonte de transmissão é através do ar de uma pessoa para a outra. Para além das milhares de mortes, a pandemia do covid-19 fez surgir uma crise humanitária que segundo Santos (2020, p. 8) “vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita”. Com efeito, uma profunda crise sanitária e humanitária tem acompanhado de forma trágica as populações mais pobres, no entanto, com a pandemia houve uma legitimação escandalosa da negação das políticas sociais. Por outro lado, a pandemia de Covid-19 vem sendo usada como pano de fundo para a aprovação de medidas neoliberais com a falsa pretensão “de resolver a crise no sistema público [...] aprofundar a agenda neoliberal de privatizações sob o manto da urgência e desespero provocados pela peste” (LIMA *et al.*, 2020, p.17). Com isso fica mais fácil negar este direito para vários sujeitos durante a pandemia, eliminando de vez aquele pouco investimento que se fazia. Também Santos (2020), reflete que a pandemia do novo coronavírus possibilitou a ampliação da invisibilidade de sujeitos que já eram invisíveis.

No âmbito sociológico, as desigualdades se aprofundaram. E no âmbito religioso, principalmente no que diz respeito à vivência, por parte dos cristãos católicos, do sacramento que é considerado fundamental, isto é, a Eucaristia? Não foram poucos os testemunhos de milhares de pessoas que entraram em uma tristeza profunda por não poder participar presencialmente da celebração da Eucaristia. Eis uns dos maiores desafios que o cristianismo enfrentou em sua história, privar os fiéis



de se alimentarem do Pão da vida, justamente em um período ao qual a humanidade mais necessitava de um alimento espiritual para atravessar um período tão obscuro. Sem sombra de dúvidas, a partir da pandemia do covid-19, uma nova concepção de Eucaristia surge para justamente responder a este novo tempo.

A experiência de vida comunitária através da participação nos diferentes ritos litúrgicos foi afetada pela pandemia. Em março de 2020 sugeriu-se o fechamento das igrejas aos cultos pelo fato de reunirem grande quantidade de pessoas em ambientes fechados. Isto trouxe crise, porque interferia num dos pilares da fé cristã, isto é, a Eucaristia. Coincidentemente ou não, período tão nebuloso chegou justamente no tempo litúrgico quaresmal, impedindo que milhares de pessoas realizassem as tradicionais celebrações da Semana Santa e da Páscoa, conforme determinava um decreto da Congregação para o Culto Divino, ao qual proibia a realização de missas na Semana Santa. No dia 19 de abril, o Papa Francisco, em uma homilia de suas missas matinais reforçou a orientação: “não viralize a Igreja, não viralize o povo de Deus”. Nesta mesma homilia, o Papa apresentou uma profunda reflexão sobre o aspecto comunitário da Eucaristia.

Vocês receberão a Eucaristia [os poucos presentes na capela], mas há pessoas que estão ligadas a nós e só farão comunhão espiritualmente. Esta não é a igreja. É a Igreja em uma situação difícil, mas o ideal da Igreja é estar unido, o povo com os sacramentos (FRANCISCO, 2020).

Percebe-se, que mesmo os fiéis estando impossibilitado de receberem a Eucaristia, esta continua a ser um aspecto marcante de unidade entre as comunidades. E é em busca desta unidade que as comunidades foram desafiadas a manter os canais de diálogo por meio das redes sociais, ao mesmo tempo em que se incentivava o fortalecimento das igrejas domésticas com farta produção de material pelas dioceses e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Junto a essas alternativas, surgiram muitas questões de cunho teológico em torno da Eucaristia. Uma dessas questões diz respeito à validade das chamadas missas por *streaming*, isto é, as missas transmitidas pelas mídias. Será que esta forma de participação equivale à missa participada presencialmente? São muitas as discussões em torno de tal temática. Uma resposta rápida diria que não: essa participação virtual não equivale à participação presencial, haja vista que ninguém consegue saciar sua fome através da participação em um banquete virtual.

No entanto, no caso da Eucaristia, deve-se destacar que ela possui um valor de unidade e enquanto tal a sua participação virtual se não une de forma integral, ela consegue unir através da oração e da escuta da Palavra de Deus e da Igreja. Porém, não é celebração eucarística propriamente dita, conforme publicado no documento *Voltemos com alegria à Eucaristia!* da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos:

Por muito que os meios de comunicação desempenhem um prestimoso serviço em prol dos doentes e de quantos estão impedidos de se deslocar à Igreja, e prestaram um grande serviço na transmissão da Santa Missa no tempo em que não era possível celebrar comunitariamente, nenhuma transmissão se pode equiparar à participação pessoal ou a pode substituir. Aliás, estas transmissões, por si sós, correm o risco de nos afastarem de um encontro pessoal e íntimo com o Deus incarnado que se entregou a nós não de modo virtual, mas realmente, dizendo: “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele” (Jo 6, 56) (*Voltemos com alegria à Eucaristia!* 2020, online).

Outros teólogos levantaram e discutiram essa questão, como o monge beneditino Michael Davide Semeraro *apud* Azevedo (2020), para quem a participação de celebrações através dos meios de comunicação pode levar a uma prática passiva e em consequência levar a um retorno à liturgia pré-conciliar, uma realidade ainda presente em diversas comunidades. Semeraro *apud* Azevedo (2020), continua sua reflexão expondo que a centralização da Eucaristia pode responder apenas a uma devoção pessoal, principalmente quando o presbítero ainda se sente não apenas no direito, mas até no dever de celebrar sozinho, sem comunidade, para cumprir uma devoção pessoal ao invés do seu próprio ministério ordenado à vida sacramental de uma comunidade, a ambiguidade permanecerá intocada. Em outras palavras, este teólogo reflete sobre o perigo de uma passividade dos fiéis e um devocionismo por parte dos presbíteros em relação à Eucaristia.

Outro teólogo que também refletiu sobre a celebração da Eucaristia durante a pandemia foi Thomas O’Loughlin *apud* Azevedo (2020), que também pondera sobre a passividade dos fiéis, uma realidade que não é exclusiva apenas do período pandêmico. Este teólogo ressalta que se tornou hábito a linguagem da passividade:

A imagem em nossas mentes é que a Eucaristia é algo ‘lá fora’, a que assistimos ou de alguma forma obtemos e da qual nos apossamos, como se fôssemos frequentadores de teatro ou consumidores. Mas a palavra

‘Eucaristia’ se refere a um verbo: é algo que nós, todo o povo de Deus, fazemos (O’LOUGHLIN, 2020 *apud* AZEVEDO, 2020, online).

Complementando este olhar eucarístico, Flock *apud* Azevedo (2020) expõe que a Eucaristia possui uma dimensão maior, complexa e completa, pois ela é uma realidade tal qual se sentar à mesa para uma autêntica comunhão familiar, que exige participação, no caso da Eucaristia, a participação é na própria morte e ressurreição de Cristo.

No entanto não é consenso que as missas online significam mera assistência e passividade da assembleia para com o rito. Moisés Sbardelotto (2020), levanta diversos questionamentos a esse respeito:

considerando as recomendações do Vaticano e da CNBB, se uma missa ‘sem povo’ ou ‘sem a presença de fiéis’ é transmitida ao vivo justamente para que o povo e os fiéis possam participar ‘ativa e efetivamente’, é possível continuar afirmando a ausência desse mesmo povo? Será que a mediação digital permite uma forma de presença ou, pelo contrário, reforça a ausência do povo? As tecnologias ‘despresencializariam’ o contato humano? (SBARDELOTTO, 2020, online)

É preciso olhar para a situação com um olhar mais aprofundado e entender a noção de conexão e contato para além do mero “onde” isso acontece. Antes é preciso entender que quando se estabelece ‘con-tato’ em rede, surge uma nova experiência de ‘tato’, em que não é preciso mão dos corpos, afetos, sensações, sentimentos”. Portanto,

Para superar a mera assistência/audiência, a mera transmissão e o mero individualismo em rede, é preciso buscar formas que permitam um verdadeiro encontro, uma verdadeira escuta e um verdadeiro diálogo com as pessoas que se conectam com as redes digitais da Igreja [...] O ‘lugar’ de encontro muda de acordo com as pessoas e os tempos e hoje ganha novos sentidos e desdobramentos no ambiente digital. O importante não é o ‘onde’, mas sim reunir-se em comunidade em nome de Jesus – seja em rede ou fora dela” (SBARDELOTTO, 2020, online)

Também o teólogo Michael Kelly *apud* Azevedo (2020), apresenta a sua visão, ao propor a relação do “catolicismo digital” com a Eucaristia. Segundo este teólogo, esta prática já era aplicada antes da pandemia, mas o desafio agora é outro: refletir sobre a expansão de oportunidades virtuais para a celebração da fé” (KELLY *apud* AZEVEDO, 2020, online).

Em tal situação pandêmica e diante de tantos desafios contemporâneos, se faz necessário retomar alguns enunciados dos dois últimos pontífices, para nos auxiliar no entendimento da Eucaristia na dimensão comunitária.

### 3.3 A EUCARISTIA NO PAPADO DE BENTO XVI

Um dos ápices da reflexão sobre a Eucaristia no papado de Bento XVI, se deu com a Exortação Apostólica *Sacramentum Caritatis* publicada em 2005. Esta encíclica foi fruto do Sínodo dos Bispos realizado naquele mesmo ano, cujo tema escolhido foi justamente a Eucaristia. Desta forma, pode-se dizer que o objetivo deste documento pode ser dividido em dois: primeiro, explicitar as linhas fundamentais de ação orientadas a suscitar na Igreja um novo impulso e um novo fervor para com a Eucaristia; segundo, fazer com que o povo cristão se aprofunde, sempre mais, na relação entre o mistério eucarístico, o ato litúrgico e o novo culto espiritual que derivam da Eucaristia como sacramento de caridade (SC, n. 54).

Já na introdução da *Sacramentum Caritatis*, Bento XVI apresenta a Eucaristia como sendo o alimento da verdade:

Uma vez que só a verdade nos pode tornar verdadeiramente livres (Jo 8, 36), Cristo faz-Se alimento de Verdade para nós. Com agudo conhecimento da realidade humana [...] no sacramento da Eucaristia, Jesus mostra-nos de modo particular a verdade do amor, que é a própria essência de Deus [...]. Por isso a Igreja, que encontra na Eucaristia o seu centro vital, esforça-se constantemente por anunciar a todos, em tempo propício e fora dele (*opportune, importune*: cf. 2 Tm 4, 2), que Deus é amor. Exatamente porque Cristo Se fez alimento de Verdade para nós, a Igreja dirige-se ao homem convidando-o a acolher livremente o dom de Deus (SC n. 2).

Para Lorenzo (2005), a *Sacramentum Caritatis*, está dividida em três momentos: tripartida: crer, celebrar e viver. O primeiro toma a origem da Eucaristia como sacramento de caridade ao qual se expressa através do dom que Jesus Cristo faz de si mesmo em prol dos outros. Com efeito, Bento XVI escreve que é na Eucaristia que se manifesta o “maior amor”, aquele que impulsiona a “dar a vida pelos próprios amigos” (Jo 15,13). No sacramento eucarístico, o Senhor segue amando ao extremo, até o dom de seu Corpo e seu Sangue (SC n. 1).

O segundo momento da encíclica, o celebrar, pode ser percebido no seguinte parágrafo:

A Eucaristia é a origem de toda forma de santidade, sendo cada um de nós chamado à plenitude de vida no Espírito Santo. Quantos santos tornaram autêntica a própria vida, graças à sua piedade eucarística! De santo Inácio de Antioquia a santo Agostinho, de santo Antão Abade a são Bento, de são Francisco de Assis a são Tomás de Aquino, de santa Clara de Assis a santa Catarina de Sena, de são Pascoal Bailão a são Pedro Julião Eymard, de santo Afonso Maria de Ligório ao beato Carlos de Foucauld, de são João Maria Vianey a santa Teresa de Lisieux, de são Pio de Pietrelcina à beata Teresa de Calcutá, do beato Pedro Jorge Frassati ao beato Ivan Mertz, para mencionar apenas alguns de tantos nomes, a santidade sempre encontrou o seu centro no sacramento da Eucaristia (SC n. 94).

O Papa recorre à Tradição para tecer um diálogo com o testemunho eucarístico de diversos santos. Assim, é possível perceber que o mistério eucarístico é abordado pela perspectiva da fé, da celebração e da vida cristã. Para as três partes, o embasamento teológico adota como fonte de inspiração o capítulo 6 do evangelho de João, isto é, a flexão sobre o Pão da Vida. O pontífice entende que aquela foi uma atitude de fé ao qual conduziu à celebração da vida e, portanto, à Eucaristia como mistério para ser celebrado. Na terceira parte, o viver começa quando há um movimento da razão rumo à crença, que passa pela celebração, conduz à apropriação da Eucaristia como mistério para se viver: “como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo por meio do Pai, assim aquele que de mim se alimenta viverá por meio de mim” (Jo 6, 57).

Outros aspectos devem chamar a atenção na encíclica *Sacramentum Caritati*, como por exemplo, o caráter ritual da Eucaristia como Mistério Celebrado, quando se reconhece que através da Eucaristia ocorre o ápice da unidade mística da Igreja, onde muitos membros se constituem ao redor de Cristo cabeça. Por isso o termo “comunhão” é frequentemente utilizado para designar o momento específico do banquete eucarístico. Outro ponto que merece destaque nesta encíclica é a constante relação que Bento XVI faz entre Eucaristia e Caridade, destacado desde o título do documento. Assim, pode-se dizer que a Eucaristia é entendida como o sacramento do amor/caridade, ou seja, o papa atribui à caridade o papel fundamental do cristianismo, o ponto que deve estar fundamentado o testemunho cristão: “acima de tudo a caridade, que é o vínculo da perfeição (CI 3,14).

### 3.4 EUCARISTIA E VIDA NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

O tema da Eucaristia no magistério do Papa Francisco pode ser vislumbrado logo no primeiro documento totalmente redigido por ele, a Exortação Apostólica a

*Evangelii Gaudium*, cujo objetivo era o de “convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG, n. 1). É, pois neste mesmo documento que se pode aproximar do que o Papa Francisco compreender pela Eucaristia, como no número 47, quando diz com veemência que, “a Eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um generoso remédio e um alimento para os fracos” (EG, n 47). Estas poucas palavras de Francisco podem ser consideradas revolucionárias, haja vista que ao longo da história da Igreja, o zelo pela dignidade da Eucaristia colocou em risco o próprio sentido de receber este remédio de salvação.

Francisco entende a Eucaristia mais vinculada à realidade concreta do povo de Deus do que propriamente uma doutrina, como pode ser observado na continuação do número 47 da *Evangelii Gaudium*, quando Francisco exorta que compreender a Eucaristia como remédio e alimento para os fracos tem consequências pastorais audaciosas, pois “muitas vezes agimos como controladores da graça e não como facilitadores. Mas a Igreja não é uma alfândega; é a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fadigosa” (EG, n. 47). Percebe-se assim, que para Francisco, a Igreja é um “hospital de campo” e a Eucaristia um remédio ao qual todos podem encontrar acolhida, cuidado e cura para viver como filhos do mesmo Pai e irmãos uns dos outros.

Embora Francisco não tenha dedicado algum documento específico sobre a Eucaristia, em algumas de suas reflexões seu pensamento sobre a eucaristia é pertinente, como por exemplo nas homilias do dia de *Corpus Christi*, como em 2013, quando recordou do caráter acolhedor e comunitário da Eucaristia presentes no trecho evangélico da multiplicação de pães:

quem são as pessoas às quais dar de comer? Encontramos a resposta no início do trecho evangélico: é a multidão. Jesus encontra-se no meio do povo, acolhe-o, fala-lhe, preocupa-se por ele e manifesta-lhe a misericórdia de Deus [...] a Eucaristia é o Sacramento da Comunhão, que nos faz sair do individualismo para viver juntos o seguimento, a fé nele (FRANCISCO, 2013, online).

Novamente em 2015, o Papa recordou o aspecto comunitário da Eucaristia ao advertir a comunidade eclesial sobre o perigo da desagregação:

Cristo presente no meio de nós, no sinal do pão e do vinho, exige que a força do amor ultrapasse todas as dilacerações e, ao mesmo tempo, que se torne

comunhão inclusive com o mais pobre, sustentáculo para quem é frágil, atenção fraterna a quantos têm dificuldade de carregar o peso da vida quotidiana, e correm o perigo de perder a própria fé (FRANCISCO, 2015, online).

Dois anos depois, em 2017, novamente Francisco evoca o caráter comunitário da Eucaristia, com as seguintes palavras: "A Eucaristia não é um sacramento "para mim", é o sacramento de muitos que formam um só corpo, o santo povo fiel de Deus. [...] A Eucaristia é o sacramento da unidade" (FRANCISCO, 2017, online).

Fica evidente que a preocupação do Papa Francisco é para que a Eucaristia seja um sacramento que acolha e unam todas as pessoas, principalmente as mais feridas, como mais uma vez é recordado na homilia de 2021:

a terceira imagem, a imagem de *Jesus que parte o Pão*. É o gesto eucarístico por excelência, o gesto identificador da nossa fé, o lugar do nosso encontro com o Senhor que Se oferece a fim de nos fazer renascer para uma vida nova [...] na Eucaristia, contemplamos e adoramos o Deus do amor. É o Senhor que não divide ninguém, mas divide-Se a Si mesmo. É o Senhor que não exige sacrifícios, mas sacrifica-Se a Si mesmo. É o Senhor que não pede nada, mas dá tudo. Para celebrar e viver a Eucaristia, também nós somos chamados a viver este amor. Porque não podes partir o Pão do domingo, se o teu coração estiver fechado aos irmãos. Não podes comer este Pão, se não deres o pão aos famintos. Não podes partilhar deste Pão, se não partilhas os sofrimentos de quem passa necessidade. No fim de tudo, inclusive das nossas solenes liturgias eucarísticas, restará apenas o amor. E, já desde agora, as nossas Eucaristias transformam o mundo, na medida em que nós mesmos nos deixamos transformar tornando-nos pão partido para os outros (FRANCISCO, 2021, online).

Para concluir a reflexão acerca da Eucaristia no magistério do Papa Francisco, vale destacar alguns trechos da exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia*. Neste documento, Francisco parte do texto paulino: "Todo aquele que comer do pão ou beber do cálice do Senhor indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor" (1Cor 11, 27). O Pontífice entende aí uma forte conotação social da Eucaristia, pois

Quem se abeira do Corpo e do Sangue de Cristo não pode ao mesmo tempo ofender aquele mesmo Corpo, fazendo divisões e discriminações escandalosas entre os seus membros. Na realidade, trata-se de "distinguir" o Corpo do Senhor, de O reconhecer com fé e caridade, quer nos sinais sacramentais quer na comunidade; caso contrário, come-se e bebe-se a própria condenação (AL, n. 186).

Para Francisco, o principal perigo das famílias não é outro se não se fecharem na própria comodidade e se isolam e se tornarem indiferentes aos sofrimentos das

famílias pobres e mais necessitadas. Assim, a Eucaristia deve servir como força para que as famílias saiam em direção dos necessitados e sofredores. É interessante notar que, para Francisco, a indignidade para receber a comunhão consiste em não reconhecer o caráter profundamente social da Eucaristia, em não distinguir o corpo do Senhor que vive e sofre nos marginalizados, explorados e descartados (AL, n. 187). A Eucaristia, nesse sentido, é compreendida como o antídoto do individualismo contemporâneo:

Assim, a celebração eucarística torna-se um apelo constante a cada um para que “se examine a si mesmo”, a fim de abrir as portas da própria família a uma maior comunhão com os descartados da sociedade e depois, sim, receber o sacramento do amor eucarístico que faz de nós um só corpo. Não se deve esquecer que “a “mística” do sacramento tem um caráter social”. Quando os comungantes se mostram relutantes em deixar-se impelir a um compromisso a favor dos pobres e atribulados ou consentem diferentes formas de divisão, desprezo e injustiça, recebem indignamente a Eucaristia (AL, n. 188).

Percebe-se que o Papa Francisco, em todas as suas referências à Eucaristia, motiva fortemente a Igreja a viver este sacramento de um modo visceral e não apenas dogmática. Para o Pontífice, a comunidade vive verdadeiramente a Eucaristia quando ela se estende para além do altar e toca a vida concreta dos comensais, haja vista que a Eucaristia é o sacramento do altar e o sacramento do irmão.

Tanto Bento XVI como Francisco abordaram à sua maneira os aspectos comunitários da Eucaristia. Na teologia de Francisco, por mais que não se tenha um documento explícito sobre o sacramento, suas homilias e encíclicas, trazem sempre a relação com a vida concreta. Essa concepção é de fundamental importância para a ação da Igreja num mundo pós-pandemia que se apresenta com tantos desafios e para o atual entendimento da Eucaristia. Assim, não há dúvidas que a Eucaristia é a manifestação da unidade na graça divina na comunidade que a celebra.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após leituras da Sagrada Escritura, do magistério da Igreja e de textos científicos, percebe-se que a Eucaristia, desde tempos mais remotos da história do cristianismo, é o elemento fundamental. Ela é aquele sacramento que une os membros dispersos, abre os olhos para perceber a ação de Deus no mundo e se solidarizar com os irmãos mais necessitados. Este sublime efeito da Eucaristia pode ser percebido em diversas fontes, sendo uma das mais importantes os relatos contidos no Novo Testamento, principalmente após a Ressurreição de Jesus.

Pode ser percebido também, em diversos textos encontrados junto às primeiras comunidades até o século V, um enfraquecimento da dimensão comunitária do sacramento da Eucaristia em detrimento de deturpações litúrgicas e em consequência o surgimento de práticas devocionais individualistas que em quase nada se relaciona com o sentido originário da Eucaristia. Tais deturpações atravessa toda a Idade Média e a modernidade e chega, ainda aos dias de hoje, uma vez que, são recentes as reformas litúrgicas propostas no Concílio Vaticano II ao qual propõe uma volta às fontes.

Já na contemporaneidade, a Eucaristia assume um novo tom, principalmente impulsionado pelo Concílio Vaticano II. Desde então, diversos teólogos vêm discutindo o caráter comunitário da Eucaristia, acentuando que a própria palavra *comunio* se remete à comunhão das pessoas, ou seja, à eclesialidade à qual o sacramento deve ser experimentado. A Igreja também vem tratando este tema com bastante atenção através de diversos documentos. Entre eles, deu-se destaque à encíclica *Ecclesia de Eucharistia* do papa João Paulo II que acentua o caráter eclesial da Eucaristia logo nas primeiras linhas, ao ensinar que “a Igreja vive da Eucaristia”, não sendo esta apenas uma verdade de experiência da fé, mas a síntese do “*próprio núcleo do mistério da Igreja*”. Foi interessante perceber no estudo desta encíclica, que João Paulo II tece um rico diálogo com diversos teólogos, construindo uma profunda teologia da Eucaristia.

Desde que a *Ecclesia de Eucharistia* foi publicada, a sociedade tem mudado rapidamente e esse é um dos fatores aos quais a compreensão da Eucaristia tem mudado rapidamente também. Através do texto de Agenor Brighenti, foi possível constatar que a pastoral, mais especificamente a pastoral eucarística dá o que pensar e deve ser pensada com urgência, uma vez que a cultura da fluidez que transforma

tudo em algo superficial e imediato, também tem transformado a Eucaristia em algo comercial, isto é, em uma mera distração nos dias de hoje.

Nesse sentido, que tanto o Papa emérito Bento XVI e o atual Papa Francisco também deixam ricos ensinamentos sobre este sacramento. Através de estudos foi possível compreender que Bento XVI é mais dogmático e mais preocupado com celebração em si. Já o Papa Francisco é mais pastoral e não cansa de relacionar acontecimentos do dia a dia à Eucaristia, como foi possível perceber em suas homilias e encíclicas, embora não possua nenhuma que verse especificamente sobre a Eucaristia.

Por fim, através deste trabalho foi possível perceber que a dimensão comunitária da Eucaristia se constitui um dos principais desafios da pastoral de hoje e isso foi sentido de forma mais aguda na severa pandemia de covid-19 que abateu sobre o mundo, impedindo que o sacramento fosse celebrado presencialmente. Acredita-se que a pandemia abre uma profunda discussão sobre o caráter comunitário da Eucaristia frente aos grandes meios de comunicação e informação e que ainda precisa ser estudado e debatido. Com efeito, ao longo deste estudo foi possível perceber que muitas questões sobre a Eucaristia precisam ser estudada com mais profundidade para que este importante sacramento alcance com eficácia o seu objetivo nuclear, que é a união da comunidade ao redor de Jesus Cristo.

## REFERÊNCIAS

ANTIOQUIA Inácio de. Carta aos Efésios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995a. (Coleção Patrística, vol. 01).

\_\_\_\_\_. Carta aos Magnésios. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995b. (Coleção Patrística, vol. 01).

AZEVEDO, Wagner Fernandes de. **Eucaristia em tempo de pandemia**. Disponível em <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/599866-eucaristia-em-tempo-de-pandemia> Acesso em 02 de abril de 2022.

BENTO XVI. **Sacramentum Caritatis**. São Paulo: Paulinas, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e atualizada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. **A pastoral dá o que falar**: a inteligência da prática transformadora da fé. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

COMBLIN, José. **Vocação para a liberdade**. 4 ed. São Paulo: Paulus, 2005.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

DIDAQUÉ OU DOUTRINA DOS APÓSTOLOS. Tradução de Urbano Zilles. Petrópolis: Vozes, 1970.

FRANCISCO. **Amoris Laetitia**: Exortação apostólica pós-sinodal do Papa Francisco sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Homilia na Solenidade de Corpus Christi** (18 de junho de 2017). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco\\_20170618\\_omelia-corpus-domini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2017/documents/papa-francesco_20170618_omelia-corpus-domini.html) Acesso em 31 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia na Solenidade de Corpus Christi** (30 de maio de 2013). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130530\\_omelia-corpus-domini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130530_omelia-corpus-domini.html) Acesso em 31 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia na Solenidade de Corpus Christi** (4 de junho de 2015). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco\\_20150604\\_omelia-corpus-domini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150604_omelia-corpus-domini.html) Acesso em 31 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Homilia na solenidade de Corpus Christi** (6 de junho de 2021). Disponível em

[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco\\_20210606\\_omelia-corpusdomini.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papa-francesco_20210606_omelia-corpusdomini.html)

JEREMIAS, Joachim. **La última cena**. Ediciones Cristiandad: Madrid, 2003.

JOÃO PAULO II. **Carta do Santo Padre João Paulo II aos sacerdotes por ocasião da Quinta-feira Santa de 2000**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2000/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_20000330\\_priests.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/2000/documents/hf_jp-ii_let_20000330_priests.html) Acesso em 26 de março de 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta encíclica Ecclesia de eucharistia sobre a eucaristia na sua relação com a Igreja**. São Paulo: Paulus: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Viaje Apostólico a Espanha: clausura del XLV Congreso Eucarístico Internacional** (13 de junio de 1993). Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1993/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19930613\\_statio-orbis.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/homilies/1993/documents/hf_jp-ii_hom_19930613_statio-orbis.html) Acesso em 03 de abril de 2022.

JOSÉ, Aldazábal. **A Eucaristia**. Traduzido por Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2002.

KASPER, Walter. **O sacramento da unidade**. Tradução de Inês Lohbauer. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

LIMA Walkíria dos Reis; PIRES, Luciene Lima de Assis; SOUZA, Paulo Henrique de. A educação de jovens e adultos, o educando e o contexto da pandemia. In: **Dossiê: Educação Brasileira e a AED no contexto da pandemia de covid-19: perspectivas e desafios**. V. 16, nº 1, 2020.

LORENZO, Juan Luis Martínez. **Sacramentum Caritatis**: Reseña. In. Ecclesia Digital. España.

LUBAC, Henri De. Igreja: Paradoxo e Mistério. Tradução Google Tradutor. St Pauls/Alba House Publishers, 1969.

LUBAC, Henri de. Paradoxo e Mistério da Igreja.

LUI, Lukas. **A Igreja do Espírito de Deus que nasce no coração do povo: a relevância e o desafio do sensus fidei na constituição dogmática Lumen Gentium do Vaticano II**. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

MARSILI, Salvatore. Teologia da celebração da eucaristia. In: **A eucaristia: teologia e história da celebração**. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Anamnesis, v. 4).

MELO, José Raimundo de. **A participação da assembleia dos fiéis na celebração eucarística ao longo da história: e-volução ou in-volução**. Perspectiva Teológica, n. 32, 2000.

MIRANDA, Luiz Antonio. **A eucaristia: Jesus Cristo e faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2015.

NOCENT, Adrien. História da celebração da eucaristia. In: **A eucaristia: teologia e história da celebração**. São Paulo: Paulinas, 1989. (Coleção Anamnesis, v. 4).

RORDORF, Willy. **Liturgie et eschatologie**. Tradução Google Tradutor. Augustinianum v. 18, n. 1, 1979.

ROUET, Alberto. Por uma pastoral eucarística. In: BROUARD, M (Org.) **Enciclopédia da eucaristia**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

TABORDA, Francisco. “Esperando a sua vinda gloriosa...” eucaristia, tempo e eternidade. Itaiaci: **Revista de Espiritualidade Inaciana**, v. 15, n. 61, set. 2005.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annete. **O Jesus histórico: um manual**. São Paulo: Loyola, 2002.

VOLTEMOS COM ALEGRIA À EUCARISTIA! Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos – Prot. N. 432/20. Disponível em: <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/voltemos-com-alegria-a-eucaristia/> Acesso em 02 de abril de 2022.